

# 2012

## EM DEBATE

### OPINIÃO PÚBLICA E CONJUNTURA POLÍTICA

Um periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública,  
Marketing Político e Comportamento Eleitoral

Ano 4 - N.03  
Junho de 2012  
ISSN: 2176 - 4883



#### DOSSIÊ

#### ELEIÇÕES: COMPORTAMENTO, PARTICIPAÇÃO E VOTO NA AMÉRICA LATINA

Miguel Carreras  
Néstor Castañeda-Angarita  
Manuela de Souza Pereira  
Eugenia Gómez Castañeda  
Luciana Fernandes Veiga  
Yadira Pacheco Avilez

#### Opinião

Vincent Furlan  
Aline Burni

#### Organizadoras:

Sandra Avi dos Santos  
Camila Tribess  
Lorena Granja

#### Resenha

Helga do Nascimento de Almeida  
Mariana Aparecida Dias

Periódico Eletrônico do Grupo de  
Pesquisa "Opinião Pública, Marketing  
Político e comportamento Eleitoral"



Universidade Federal de Minas Gerais

Avenida Presidente Antonio Carlos, 6627  
Campus Pampulha CEP: 31.270-901  
Belo Horizonte - MG - Brasil  
Tel: (31) 3409-3823

## A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE CRISTINA KIRCHNER E DE DILMA ROUSSEFF NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

*The construction of image of Cristina Kirchner and Dilma Rousseff in presidential elections*

Eugenia Cecilia Gómez Castañeda

*Centro de Estudos Históricos e Interdisciplinares para as Mulheres (CEHIM/ UNT)*

✉ ceci\_25gc@hotmail.com

Luciana Fernandes Veiga

*Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

✉ luciana.veiga@ufpr.br

**Resumo:** *A primeira mulher eleita para o cargo de Presidente da República na América Latina foi Violeta Chamorro na Nicarágua, em 1990. Depois vieram Janet Jagan (Guiana, 1997), Mireya Moscoso (Panamá, 1999), Michelle Bachelet (Chile, 2006), Cristina Kirchner (Argentina, 2007), Laura Chinchilla (Costa Rica, 2010) e Dilma Rousseff (Brasil, 2010). Estudar a tendência crescente de representação das mulheres na esfera política é um tema cada dia mais central para a Ciência Política Latino Americana. Com este texto busca-se uma análise ainda inicial sobre a construção da imagem de duas candidatas – exitosas – em eleições presidenciais na América Latina.*

**Palavras-chaves:** *esfera política; representação; mulheres; imagem, eleições presidenciais.*

**Abstract:** *The first woman elected to the office of President in Latin America was Violeta Chamorro in Nicaragua in 1990. Then came Janet Jagan (Guyana, 1997), Mireya Moscoso (Panama, 1999), Michelle Bachelet (Chile, 2006), Cristina Kirchner (Argentina, 2007), Laura Chinchilla (Costa Rica, 2010) and Dilma Rousseff (Brazil, 2010). Study the growing trend of women's representation in politics is a subject increasingly central to Latin American Political Science. This text seeks to further analysis on the initial construction of the image of two candidates – successful – in presidential elections in Latin America.*

**Key words:** *political sphere; representation; women; image; presidential elections.*

### Cristina

Em 10 de dezembro de 2007, Cristina Fernandez de Kirchner recebia, - pela primeira vez e representando a Frente para a Vitória (FpV) -, a faixa

presidencial das mãos de seu marido e antecessor, Néstor Kirchner, em um evento importante para o povo argentino, por ser a primeira mulher eleita para assumir a presidência do país. O efeito simbólico do momento ficou evidenciado no próprio discurso de posse da Presidente, ao expressar "eu sei que pode custar mais porque sou mulher".

Quatro anos depois, em 10 de dezembro de 2011, Cristina foi empossada novamente para a Presidência do país, depois de eleita com 54% do voto popular, em uma cerimônia cheia de emoção, não só pela intervenção incomum de sua filha (Florença), no ato protocolar de colocar a faixa presidencial, mas, fundamentalmente, pela destacada ausência de seu "companheiro" Nestor (falecido em 27 de outubro de 2010), assim lembrada pela mandatária: "hoje não é um dia fácil para esta Presidenta (*sic*). Apesar da alegria e da força do voto popular, falta algo e falta alguém".

Em ambas as ocasiões, a tomada de posse coincidiu com a comemoração do Dia Internacional dos Direitos Humanos, cujo tema foi precisamente, - seja por convicção ou por estratégia -, um dos pilares do projeto político<sup>5</sup> de uma "sociedade político-amorosa quase perfeita" (WONRAT, 2005, apud. WALGER, 2010).

O cenário predominante no decorrer da disputa presidencial de 2007 foi muito favorável à Cristina. Já em 2005, era a figura política com a melhor imagem na Argentina, superando até mesmo a de seu marido, fato que conduziu a mesma ao papel de protagonista no pleito nacional, juntamente com o dado de que Nestor não contava com apoio genuíno dentro do peronismo ao

---

<sup>5</sup> Ao chegar à Presidência da Nação, Nestor Kirchner pensava em levar a diante o "projeto 4 x 4", através do qual permaneceria no poder, direta ou indiretamente, por dezesseis anos. A equação admitia várias combinações possíveis: 1) dois mandatos de Nestor e dois de Cristina; 2) dois de Nestor e um de Cristina e, em seguida, o últimos de Nestor; 3) o primeiro de Nestor, o segundo de Cristina e os dois últimos de Nestor. Este era o plano, mas devia ser monitorado constantemente, dependendo da conjuntura do momento (LAMADRID, 2011).

seu protagonismo (FRAGA, 2010). Naquela época, Cristina Kirchner havia se estabelecido no cenário político nacional como “uma parlamentar combativa e uma mulher independente, que mantinha um casamento e uma família a uma distância equivalente à que existe entre Madri e Moscou” (WALGER, 2010, p.60). Apesar de contar com uma imagem positiva, a então senadora e candidata presidencial, precisava ser percebida como alguém que, em pouco tempo, seria capaz de exercer o Executivo Nacional, inaugurando com ele um novo ciclo. “O estilo diplomático viria a adquirir novos tons com Cristina na Presidência” (FRAGA, 2010, p.182). No entanto, apesar de sua alegação constante da imagem abnegada de Eva Perón, a “o foco no trabalho e o confronto permanente foram os principais atributos da Presidenta (sic) em exercício” (WALGER, 2010, p.68), enquanto que o “aprofundamento do modelo econômico, de fontes diversificadas de acumulação com inclusão social” seria a palavra de ordem do discurso oficial, que até hoje, ainda se mantém de pé (BULLRICH, 2011).

No início de 2007, apesar de algumas dificuldades, o crescimento econômico que seguiu a crise de 2001 e a fragmentação da oposição, que terminou por ficar profundamente enfraquecida, formaram o terreno fértil para que Cristina, no final desse mesmo ano, se consagrasse como a “sucessora” de seu marido na Presidência da República. Isto, no âmbito de um modelo de “duplo comando”, no qual, para alguns, o casal Kirchner simplesmente rodaria entre si o protagonismo (RUSSO, 2011), em uma espécie de romance político; enquanto que para outros, - os mais céticos -, era uma estratégia eleitoral deliberada na qual a condução seguiria nas mãos de Nestor, por trás das cortinas de uma “relação muito mais sórdida, obscura e irregular” do que a aparência permitia entrever (WALGER, 2010, p. 69). O cenário mundial e nacional, frente à segunda candidatura presidencial de Cristina foi totalmente

diferente. Seu primeiro mandato foi marcado por uma série de eventos infelizes, que - se surpreenda ou não - não danificaram a imagem política da primeira mandatária. É precisamente este fenômeno que levou a vários consultores - entre elas Poliarquia - a supor uma suposta “blindagem” da figura presidencial. No entanto, a leitura que teve maior repercussão, afirmava que a viuvez de Fernández de Kirchner despertou uma forte empatia do eleitorado, que conseguiu mantê-la longe de qualquer fato negativo (MAKHOUL, 2011). Desta forma, o que parecia difícil e quase impossível quando a popularidade de Cristina mal alcançava 20%, finalmente aconteceu com a morte de Nestor. A Presidente tinha logrado reinventar-se e se converteu em protagonista e diretora da peça (SARLO, 2011), na medula espinhal de sua própria criação: “o cristinismo”, onde sua família (principalmente seu filho Máximo) terminou transformando-se em um aparato político, e onde o luto logra transparecer - ainda hoje - uma ideia de poder solitário e centralizado (SARLO, 2012).

## **Dilma**

Em 2010, ao final do segundo turno do pleito nacional, Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher Presidente do Brasil pelo Partido dos Trabalhadores. Era o resultado final de uma campanha eleitoral, em que o Presidente Lula apresentou a candidata ao país.

Ao ser lançada candidata a Presidente, Dilma Rousseff era um nome novo na política brasileira. Até 2008, metade dos brasileiros sequer haviam ouvido falar em Dilma Rousseff (48% a desconheciam de acordo com pesquisa Datafolha, realizada em março de 2008). Ainda que, desde 2003 ocupasse um Ministério no Governo Lula. Sua primeira pasta foi como Ministra das Minas e Energias, de 2003 a 2005, e depois assumiu a chefia da Casa Civil, tendo substituído uma das principais lideranças de seu partido, José Dirceu, que

deixou o cargo após acusações de envolvimento com o maior escândalo político enfrentado pelo Governo Lula em seu primeiro mandato, o Mensalão. Assim, foi apenas com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que a Ministra ganhou evidência, chegando em fevereiro de 2010, dois meses antes de deixar o cargo para se candidatar, tendo como taxa de conhecimento 86%.

Não apenas Dilma Rousseff era uma novidade para a política eleitoral brasileira, como a disputa eleitoral era uma novidade na vida da política. Nascida em uma família de classe média brasileira, formada em escola tradicional, Dilma envolveu-se em movimento estudantil contra o Regime Militar, chegando a ser presa por subversão de 1970 a 1972. Na década de 80, com a volta do multipartidarismo no Brasil, a política ajuda a formar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do Sul. Em 1986, assume a Secretaria da Fazenda em Porto Alegre e em 1993 assume a Secretaria de Energia, Minas e Comunicação do Estado do RS (site Presidência da República). Com um perfil muito técnico de gestora, jamais se submetera a uma disputa eleitoral.

Nesse sentido, a presença do então Presidente Lula na campanha de Dilma Rousseff foi de suma importância para o êxito da mesma. De acordo com pesquisa Datafolha, realizada em 24 e 25 de fevereiro de 2010, 42% da população afirmava que o apoio do presidente Lula a algum candidato naquelas eleições os levariam a escolher, com certeza, esse candidato. Em estudo sobre a influência de Lula na construção da imagem de Dilma Rousseff, Gandin (2012) aponta que no decorrer da propaganda eleitoral gratuita, a candidata Dilma Rousseff foi apresentada como coautora das principais ações do governo de Lula, sendo utilizadas com recorrência expressões como “no governo de Lula e Dilma” e “com Lula e Dilma”, em menções aos programas coordenados enquanto ministra de Minas e Energia e ministra-chefe da Casa Civil. Neste

sentido a candidata aparece como tendo a mesma visão de mundo, as mesmas prioridades do então Presidente Lula, passando para o eleitor a sensação de que com Dilma eleita haveria a continuidade do governo Lula. O esforço de unir Dilma e Lula foi uma constante na propaganda:

Lula nasceu pobre, em Pernambuco. E criança veio para São Paulo. Tornou-se líder sindical, foi preso pela ditadura e fundou o PT. Dilma nasceu numa família de classe média de Minas e bem jovem enfrentou e foi presa pela ditadura. Recomeçou a vida no Rio Grande do Sul, casou, tornou-se mãe, economista e tornou-se a primeira mulher a ser secretária de Finanças da prefeitura de Porto Alegre e depois secretária estadual de Minas e Energia. **Um dia, essas histórias se uniram.** Lula se tornou o primeiro operário presidente e Dilma a primeira mulher a ser ministra de Minas e Energia, presidente do conselho de administração da Petrobrás e ministra-chefe da Casa Civil. Lula deu rumo ao Brasil, Dilma coordenou todo o ministério e programas como o PAC, Minha Casa, Minha vida e Luz Para Todos. Lula está encerrando o mandato como o melhor presidente da nossa história. Inovou, rompeu barreiras, mudou o país. Não por acaso quer passar a faixa à primeira mulher presidente do Brasil. (17agoN, reprodução do HGPE, citado em GANDIN, 2012).

Dilma Rousseff é apresentada como gestora, uma pessoa técnica, com seriedade e competência. Gandin e Panke chamam a atenção ainda para a associação de imagem de Dilma a de mulher e de mãe, particularmente, a de “mãe do povo” em conjugação à de “pai do povo”, Lula.

**agora as mãos de uma mulher / vão nos conduzir / eu sigo com saudade / mas feliz a sorrir. / Pois sei o meu povo ganhou uma mãe / que tem um coração / que vai / do Oiapoque ao Chuí. Deixei em tuas mãos o meu povo.** (reprodução do HEPG, citado em GANDIN, 2012).

Verifica-se que havia um reflexo entre a propaganda eleitoral e a imagem de Dilma Rousseff no eleitorado. Em pesquisa realizada pelo “Estudos

Eleitorais Brasileiros” – ESEB\CESOP, em campo imediatamente depois do pleito nacional de 2010, foi possível identificar que a despeito da candidata ser mulher e ter uma trajetória de luta nos movimentos e partidos de esquerda, o sexo (Pearson -,007, Sig. ,741) e a auto localização na escala ideológica (Pearson ,006, Sig. 775) não estavam correlacionadas com o gostar de Dilma Rousseff. Já no que tange ao discurso de Dilma enquanto “mãe do povo”, era constatável que – no momento que procedia ao pleito - os menos estudados tendiam a gostar mais de Dilma do os mais estudados (Pearson -,171, Sig. ,000) e os eleitores com menos renda tendiam a gostar mais de Dilma Rousseff do que os com mais renda (Pearson -,138, Sig. ,000). Mas nada se equipara ao reflexo do apelo de Dilma como uma continuidade do governo Lula, a força da correlação entre avaliação do governo Lula e gostar da candidata era grande (Pearson ,400; Sig.,000) só sendo inferior à força da correlação entre gostar do PT e gostar de Dilma (Pearson ,646; Sig. ,000).

Por fim, muito foi discutido na imprensa nacional sobre o uso da imagem de Lula na campanha de Dilma e se chegou a questionar até que ponto a intensidade do mesmo não estaria comprometendo a percepção da autonomia da candidata. Neste sentido, para alguns, havia a expectativa de que Lula permaneceria muito próximo do futuro governo Dilma, quase como seu garantidor.

### **Considerações finais**

Cristina e Dilma apresentam trajetórias políticas muito distintas até serem conduzidas à Presidência da República em seus países. No entanto, há uma característica que permeia as eleições de ambas: a ideia do apadrinhamento político do então presidente, sugerindo inclusive um “doble comando”, em

maior ou menor grau, para os casos da Argentina e Brasil, respectivamente. Isto é, na primeira eleição de Cristina, se imaginava que Nestor influenciaria muito o seu mandato. No Brasil, também havia a crença de que Lula – “o pai do povo” – continuaria muito próximo do governo de Dilma – “a mãe do povo”. Ainda que a percepção de dependência da Presidente em relação ao seu antecessor fosse mais significativa na Argentina do que no Brasil. Dado que Cristina sucedeu seu marido, Nestor de Kirchner, e Dilma procedeu a seu partidário, Lula da Silva. No decorrer de seu primeiro mandato, como foi visto, Cristina obteve sucesso em se reinventar e converter-se à protagonista de sua obra como mencionou Sarlo (2011), levando a mesma à reeleição. Dilma Rousseff, em seu primeiro governo, vem obtendo taxas crescentes de avaliação positiva de seu governo, agora com 64%, também de acordo com dados de pesquisa Datafolha de abril de 2012. E imprimindo um jeito muito próprio de governar, com um estilo firme e austero. Estudar a construção da imagem destas mulheres em seus governos é outra pauta de pesquisa que se tornará urgente tão logo a reeleição das mesmas se torne uma constante.

\*Tradução: Camila Tribess (Universidade Federal do Paraná - UFPR)

### Referências

- FRAGA, Rosendo. *Fin de ciclo. Ascenso, apogeo y declinación del poder kirchnerista*. Buenos Aires: Ediciones B Argentina, 2010.
- GANDIN, Lucas. Entre imagem e mito – a transferência de ethos de Lula para Dilma na campanha presidencial de 2010, dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCom da Universidade Federal do Paraná, 2012.
- LAMADRID, Álvaro. H. *El pingüino emperador: 20 años de poder bruto*. Buenos Aires: Ediciones Pluma y Papel de Goldfinger, 2011.
- PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. Site oficial: <http://www2.planalto.gov.br/>., acessado em 15 de maio de 2012.

RUSSO, Sandra. *La Presidenta*. Historia de una vida. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2011.

WALGER, Sylvina. *Cristina*. De legisladora combativa a presidenta fashion. Buenos Aires: Ediciones B Argentina, 2010.

#### **Artigos em jornais:**

BULLRICH, Lucrecia: *Curiosidades del discurso de Cristina, modelo 2007. Diferencias, rupturas y contextos separados por un abismo*. Consultado em: 13 mai. 2012. Artículo de Diario La Nación. Texto completo disponível no site:

<http://www.lanacion.com.ar/1430926-cristina-modelo-2007>

MAJUL, Luis: *¿Cristina está blindada?* Publicado em 21 jul. 2011. Consultado em: 13 mai. 2012. Artículo del diario la Nación. Texto completo disponível no site:

<http://www.lanacion.com.ar/1391104-cristina-esta-blindada>

SARLO, Beatriz: *Victoriosa autoinvención*. Publicado em 24 out. 2011. Consultado em: 13 mai. 2012. Artículo del diario La Nación. Texto completo disponível no site:

<http://www.lanacion.com.ar/1417324-victoriosa-autoinvencion->

SARLO, Beatriz: *La idea del Poder Absoluto*. Publicado em 14 jan. 2012. Consultado em: 13 mai. 2012. Artículo del diario La Nación. Texto completo disponível no site:

<http://www.lanacion.com.ar/1440464-la-idea-del-poder-absoluto>

#### **Discursos de Cristina Fernández de Kirchner.**

Asunción del primer mandato. Texto completo disponível no site:  
<http://www.presidencia.gov.ar/discursos/2940>

Asunción del segundo mandato. Texto completo disponível no site:

<http://www.presidencia.gov.ar/discursos/25601-acto-de-asuncion-de-mando-en-el-congreso-de-la-nacion-discurso-de-la-presidenta-de-la-nacion>

#### **Resultado de pesquisa de opinião e banco de dados**

[http://datafolha.folha.uol.com.br/folha/datafolha/tabs/intvoto\\_pres\\_20032009\\_tb1.pdf](http://datafolha.folha.uol.com.br/folha/datafolha/tabs/intvoto_pres_20032009_tb1.pdf),  
acessado em: 15 mai. 2012.

Estudos Eleitorais Brasileiros – ESEB – CESOP – UNICAMP.